

PRIMEIRA LINHA | REGRAS ORÇAMENTAIS DA UE

PEDRO BRINCA ECONOMISTA, PROFESSOR NA NOVA SBE

“A disciplina orçamental é muito bem-vinda”

Num ambiente de inflação alta, é necessário controlar a política orçamental, explica Pedro Brinca. Mas é preciso máxima atenção à economia para reagir no caso de entrada em crise. Portugal teria a ganhar com proposta dos economistas do BCE, diz.

MARGARIDA PEIXOTO

margaridapeixoto@negocios.pt

Pedro Brinca, economista e professor na Nova SBE, defende que é preciso o regresso de alguma disciplina orçamental. E nota que a estratégia portuguesa de dar menos apoios a fundo perdido durante a pandemia pode ter sido a mais acertada.

Bruxelas já admitiu a possibilidade de as regras orçamentais ficarem suspensas ainda durante 2023. Seria bom?

Os economistas agora têm um problema semelhante ao que existia durante a pandemia: eu tinha de ser especialista em economia e epidemiologia. Agora tenho de ser especialista em economia e geoestratégia. Há uma coisa importante num cenário de inflação: que a disciplina orçamental volte, para não ser um problema. Por outro lado, não sei o que vai acontecer na Ucrânia. Mas uma das medidas do BCE para lidar com a situação tem sido a redução drástica das operações de compra. Os governos têm de voltar a estar mais dependentes do mercado e menos do BCE. E por isso, a disciplina orçamental é muito bem-vinda.

Se fosse possível reativar algum tipo de regras, já em 2023, era vantajoso?

Neste cenário em que parece que as economias já recuperaram da covid ou estão muito perto disso, sim. Mas tudo depende da evolução. Na China já há mais um surto de covid. Temos de estar muito atentos para perceber se vamos entrar em crise. Há aqui uma di-

cotomia. Para o BCE, a inflação é temporária, mas é um temporário que já dura há muito tempo...

Que se começa a incorporar e a tornar permanente...

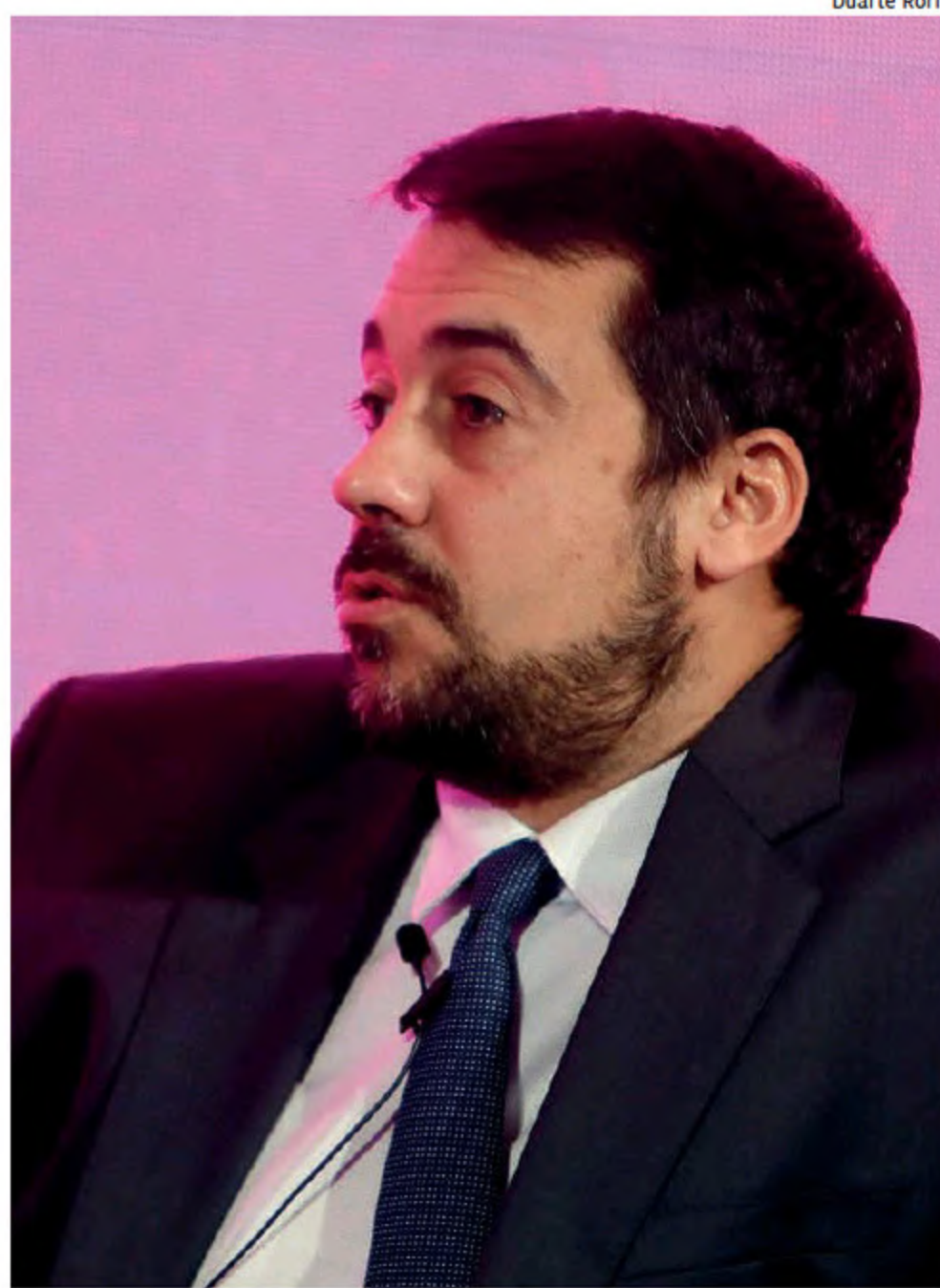
Se as expectativas dos agentes começarem a incorporar estes aumentos sistemáticos de preços, vão afetar a negociação salarial. E isso aumenta os custos unitários do trabalho, e depois de produção, e de seguida os preços e gera-se uma espiral inflacionista que leva o BCE a ter de agir de forma musculada. Na medida em que a inflação está acima dos 2%, em que o desemprego está relativamente baixo, não há razão nenhuma para não termos algum tipo de disciplina orçamental, até porque podemos precisar de espaço orçamental para o futuro e a covid levou a um endividamento dramático.

Como avalia a ideia de fazer depender o ritmo de redução da dívida, da taxa de inflação, como propõem quatro economistas do BCE?

Tem vantagens. Para alguns países, como Portugal e Grécia, satisfazer o atual quadro regulamentar é pouco viável porque têm níveis de dívida muito acima do limite e impõe um ritmo de consolidação enorme. É bom lembrar que Portugal teve uma vez um orçamento superavitário em democracia, em 2019, antes da covid. Por outro lado, o enquadramento atual também é muito pró-cíclico.

E encontra desvantagens na proposta apresentada?

Não. Até pode ajudar Portugal em particular. Na crise da covid, o Governo português escolheu um modelo de apoio à economia muito diferente do dos outros países da zona euro. A Alemanha terá gastado quatro ou cinco vezes



Duarte Roriz

corríamos o risco de, após vários meses sem operar como deve ser, muitas empresas fecharem, fazendo aumentar as falências e o desemprego. Não obstante, isso não se verificou. E há uma variável que nos diz que poderá ter sido uma aposta mais adequada, que é o facto de a inflação em Portugal ter sido muito mais moderada do que na Alemanha ou França.

Então qual é o problema?

O problema é que nós contamos muito pouco para a inflação na zona euro porque somos pequeninos. E apesar de termos tido a disciplina e, perdoo-me a palavra, a sorte de termos tido o peso certo das ajudas, quando houver uma necessidade de correção por parte do BCE por excesso de intervenção na Alemanha e na França, vamos levar com a mesma medida. O facto de metermos alguma contingência das regras orçamentais às taxas de inflação nacionais permite-nos ganhar com isso.

Mais margem orçamental?

Exatamente, teríamos uma imposição de disciplina orçamental menos rígida do que a de outros países. Nesse sentido é bom.

E concordaria com a ideia de excepcionar algum tipo de investimento das regras de despesa, nomeadamente para fazer as transições digital e climática?

O problema desse tipo de regras é que criam incentivos para serem contornadas. Mas a UE é um processo político. Faz sentido que se criem regras que incentivam que as políticas sejam implementadas. Se do ponto de vista das forças económicas cria alguma margem para desvios ou distorções dos mercados? Claro, mas é o preço a pagar pelas decisões políticas. ■

mais em percentagem do PIB em apoios diretos. França também gastou bastante mais.

Fomos dos que gastámos menos.

Apostamos num modelo muito mais assente em moratórias de crédito e fiscais. Que resolvem o problema da liquidez imediata mas não o da solvabilidade. Foi uma aposta um pouco perigosa porque

“A aposta portuguesa poderá ter sido a mais adequada. A inflação em Portugal tem sido muito mais moderada do que na Alemanha ou em França.”